

RISOS, SARROS E MAIÔ DE DUAS PEÇAS - A HISTÓRIA DO CICLO DA PORNOCHANCHADA



A palavra *pornochanchada*, na verdade, foi um apelido mal-doso dado à comédia erótica que teve início no Brasil, na vira-da dos anos 60 para a década de 70. *Chanchada*, claro, aludindo à comédia musical dos anos 40 e 50, de onde este novo ciclo herdou a proximidade com um público popular, histórias que abordassem, mesmo de forma jocosa, o cotidiano da classe média – e, por que não dizer, uma certa sexualização que, guardando as proporções da época em que se pronunciava, vinha à tona.

O *porno* foi um adendo colocado junto aos filmes para lembrar que era uma época de repressão, de valorização da moral e dos bons costumes, e que a classe média não sucumbiria à devassidão e à imoralidade que as senhoras integrantes da Marcha com Deus e a Família pela Liberdade (1964) tanto temiam e afastavam em suas orações.

Na verdade, a *pornochanchada* não foi nada disto.

Integrante do gênero da comédia, a *pornochanchada* seguiu à risca a tradição do riso popular nacional, apenas adaptando-se aos novos tempos. Um humor fácil, de rápida compreensão e com o qual o espectador de classe média (maioria do público que prestigiou o ciclo) se identificava.

Foi uma tematização da revolução sexual à moda brasileira, com temas variando entre paqueras, conquistas amorosas, virgindade, adultério e tipos característicos que, independentemente da trama, quase sempre apareciam nos filmes, tais como; a viúva disponível e fogosa; a virgem recatada e desejada; o malandro vagabundo e conquistador; o rico bur-

guês sem escrúpulos, para quem muitas vezes a virgem era prometida em uma jogada comercial (para salvar uma família nobre, porém pobre, da falência); a guardiã da virgindade, na figura de uma mãe ou tia repressora; e o homossexual que fazia o papel de *clown*, o bobo da história, que acabava sempre auxiliando, de uma forma ou de outra, o mocinho e a mocinha. Sim, porque a virgem que estava para ser infeliz nos braços de algum burguês do qual ela tinha asco, com o auxílio do bobo passava para os braços do mocinho no final do filme.

A duas fases da *pornochanchada*

A primeira fase da *pornochanchada* foi denominada *soft-core*, ou seja, foi a fase em que se privilegiou a comédia, principalmente a comédia do cotidiano, ou chamada comédia de costumes. Essa fase começou no final dos anos 60 e foi até a metade da década seguinte, sempre reinando com boas bilheterias e contando histórias interessantes, com bons diretores, bons roteiristas e atores que já estavam fazendo sucesso na televisão.

Esse primeiro bloco foi ao encontro da política estabelecida para a produção cultural: uma cultura de mercado para o mercado. Os primeiros filmes foram realizados por diretores experientes e ainda com uma certa dose de sofisticação como, por exemplo, *Adultério à brasileira*, de Pedro Carlos Rovai, e *Os paqueras*, de Reginaldo Farias, ambos de 1969.

Confirmado o sucesso de bilheteria, o gênero expandiu-se para a Boca do Lixo, em São Paulo, e a produção passou então para um segundo estágio, quando o volume de filmes tomou uma proporção mais acelerada para ocupar o mercado e, conseqüentemente, caiu a qualidade.

Esse pólo mais sofisticado de produção, que atuou no Rio de Janeiro nos primeiros tempos, tinha como principais realizadores Anibal Massaini, da Cinedistri; Pedro Carlos Rovai, da Sincro Filmes; e Reginaldo Farias (com Roberto Farias produzindo), da RFFarias.

Estratégias de comercialização

A *pornochanchada* reunia elementos conhecidos do público e que formaram um conjunto de sucesso. A começar pelas chamadas, muitas vezes apelativas, tais como os títulos dados aos antigos espetáculos de teatro de revista ou mesmo às

comédias musicais dos anos 40 e 50. Ainda nos títulos, cabe salientar que, como as chanchadas, a pornochanchada também trabalhou com a paródia, buscando associar os mesmos a filmes de sucesso, principalmente do cinema norte-americano. Como exemplo temos *Bacalhau (Bac's)*, 1975, de Adriano Stuart, na esteira de *Tubarão (Jaws)*, 1975, de Steven Spielberg e *Embalos alucinantes - Troca de Casais*, 1979, de José Misiara, no rastro de *Embalos de Sábado à noite (Saturday Night Fever)*, 1977, de John Badham. A sugestão era a palavra chave, muito mais do que mostrar realmente cenas de sexo ou nudez. Era muito mais uma estratégia de marketing e de publicidade para arrastar o público as cinema.

O discurso moralista

A pornochanchada seguia os mandamentos da época que a consagrou e se mostrava extremamente puritana e moralista. A virgindade da mocinha podia ser motivo de riso e disputa dentro da trama, mas era guardada até o final para ser entregue solenemente ao mocinho, como faziam as filhas de boa família. As personagens que praticavam adultério podiam até ser engraçadas durante um tempo, mas acabavam se arrependendo e se dando mal no final. Outra prova desse moralismo era a personagem homossexual masculina, que sempre aparecia na figura estereotipada do bobo, que acabava por auxiliar a mocinha e o mocinho nos seus intentos. Os malandros também, depois de aprontar durante todo o filme, encontravam um rumo no final e tomavam jeito. Afinal, como se dizia na época, *“Este é um país que vai para a frente!”*

A crítica ao gênero: “Só tem palavrão e mulher pelada”

A vulgarização dos personagens e mesmo do tema, do erotismo, auxiliou na crítica destrutiva que as camadas intelectuais fizeram da pornochanchada. A própria comédia erótica tomou um rumo popularesco e acabou influenciando todo um pensamento a respeito do próprio cinema brasileiro da época. Um estigma – talvez, para o bem das camadas conservadoras que lutavam contra a liberalização dos costumes – a pornochanchada foi a culpada pelo cunho dado ao cinema brasileiro de só *“ter*

palavrão e mulher pelada”. Palavrão sim, muito até, como se fosse uma descoberta nova dentro da elaboração dos diálogos; e, quanto mais o público ria, pois nunca havia ouvido tal coisa no cinema, mais se usava o palavrão como chamada para o cômico fácil. Mulher pelada é que ficava mais difícil, pois, em pleno Governo Médici, as normas de apresentação da nudez nas telas nacionais eram rígidas e cumpridas à risca. Nudez parcial, insinuação ao sexo – e o resto que ficasse por conta do espectador.

Relações com o estado

Há controvérsias sobre a participação da EMBRAFILME na co-produção e na distribuição das pornochanchadas. Segundo entrevista dada à revista VEJA, em 7 de janeiro de 1976, o cineasta Roberto Farias, então presidente da EMBRAFILME, afirmou que a verba da empresa passaria, naquele mesmo ano, de seis para oitenta milhões. Porém Farias apressou-se em declarar que *“(…) nenhum destes milhões será aplicado em filmezinhas supostamente eróticas.”* Ainda segundo esta entrevista, naquele mesmo ano o Brasil gastava 14 milhões de dólares importando fitas estrangeiras e centenas desses filmes nem chegaram a ser exibidos (Nota: 3.000 títulos eram quase que exclusivos para a televisão). Naquela época, a Lei de Obrigatoriedade garantia a quota de tela de 112 dias anuais, o que fazia com que a produção nacional tivesse seu espaço assegurado.

Foi também na metade dos anos setenta, quando a fase *hardcore* já superava as primeiras comédias eróticas, que se iniciou uma grande discussão, tendo como pano de fundo a atuação da EMBRAFILME, sobre o espaço ocupado pela pornochanchada no mercado nacional. *“Uma guerra santa”*, comentou Farias na mesma entrevista (idem), fazendo uma alusão ao moralismo que tencionava banir a dita pornografia das telas do país.

Pornografia? Até então pornografia fora a única coisa que não aparecera nas chamadas pornochanchadas. As primeiras, respeitando a época na qual se encontravam, faziam apenas alusão às cenas de sexo e nudez. Já no início da segunda fase, a disputa era com os filmes estrangeiros bem mais ousados e elaborados.

Na metade da década de setenta, a pornografia ainda era proibida em todo o território nacional, e a Censura Federal fazia gosto em lapidar cenas determinadas como imorais ou

simplesmente tirar de cartaz filmes que abusassem do duplo sentido. O número de filmes, porém, ainda era bastante alto: 86 títulos ao todo, em 1976. A produção vai se tornando cada vez mais agressiva, com títulos mais ousados e cenas também. O foco de realização vai passando do Rio para São Paulo e a produção instala-se na Boca do Lixo, dando início a um novo ciclo que vai culminar na segunda-fase, denominada *hardcore*.

A fase hardcore

Com a entrada da Boca do Lixo no mercado, o cinema nacional viveu aquilo que alguns críticos chamaram de a época de ouro (1972-1982) da relação entre cinema e mercado. Os produtores da Boca realizavam produções de custo médio, com retorno garantido, e eram responsáveis por aproximadamente 60 da média de 90 filmes produzidos anualmente na década. Mesmo privilegiando o pornô, a Boca apostava em filmes que passassem pelo horror – como a produção de José Mojica, o Zé do Caixão – pelo policial, etc., mas o filão mesmo era o sexo cada vez mais explícito.

Entre a censura violenta da ditadura militar e a abertura política que aconteceu a partir do Governo Geisel, o Brasil sofreu uma avalanche de pornografia nas revistas, nos jornais e, principalmente, no cinema. A entrada no mercado nacional de filmes de sexo explícito, os chamados *hardcore* acabou por fazer sucumbir a comédia erótica. Filmes apenas insinuantes já não atingiam mais o público nem saciavam a curiosidade do espectador ávido por novidades. Insinuações já não eram novidades.

Esta *nova onda liberada* fez parte de uma movimentação mundial, que colocava a pornografia na ordem do dia e expandia o ciclo por todo o mercado ocidental. No Brasil, além de atingir um público ávido por novidades, frustrou a cultura nacional, que esperava da abertura política uma liberalização de filmes que tratassem de temas sociais. Como forma de mostrar ao povo que não havia mais censura no país, o governo começa a liberar o filme pornô.

Ao mesmo tempo em que estreavam nas telas pornôs nacionais, como *Coisas eróticas*, (1981), de Raffaele Rossi e L. Calacchio e *A b... profunda*, (1984), de Gerard Dominó (paródia do clássico pornô *Garganta profunda*, copiando inclusive o nome do diretor Gerard Damiano), dormiam nas prateleiras da censura filmes como *Prá frente Brasil*, (1982), de Roberto Farias,

que aborda a tortura e a repressão no país, e *Eles não usam black tie*, (1981), de Leon Hisrzmann, baseado no texto de Gianfrancesco Guarnieri sobre os movimentos sindicais e que só foi liberado para exibição porque ganhou o Leão de Ouro do Festival de Veneza.

O efeito da pornografia americana

Os filmes de sexo explícito começaram a entrar no país no início da década de 80, sendo que o norte-americano *Garganta profunda*, (1972), citado acima, foi o primeiro filme *hardcore* a ser exibido em telas nacionais. Antes disso, o contato dos brasileiros com os chamados filmes de sacanagem era feito fora do país, ou quando se conseguia contrabandear alguns exemplares. Os mais conhecidos eram exemplares na bitola Super-8, trazidos do Paraguai diretamente para um quarto escuro ou festinhas mais arrojadas.

Os filmes estrangeiros não foram liberados pela censura, mas a sua entrada no país foi facilitada.

Aos produtores cabia a compra de mandados de segurança que permitiam a exibição dos *hardcore*. Logo começou a produção de pornôs nacionais e a Boca do Lixo se consagrou como uma verdadeira “indústria cinematográfica”. As medidas para a exibição eram mais ou menos as mesmas. Depois de prontas, as fitas eram enviadas ao extinto Conselho Nacional de Censura, que vetava a sua exibição. Em seguida, o produtor entrava na justiça pedindo uma liberação e os filmes eram exibidos através de mandados de segurança.

A fase do *hardcore* acabou de vez com o que restava da pornochanchada, mas também não durou muito. Passada a euforia e com a entrada do *videohome* no País, o cinema pornô limitou-se a umas poucas salas nos centros das grandes cidades e aos vastíssimos balcões das video-locadoras. Apesar de apagado pelas novas ondas de filmes violentos, tão popularescos quanto os pornôs, o cinema *hardcore* ajudou a impregnar na memória do brasileiro o estigma de filme brasileiro igual afilme de sacanagem. Pura sacanagem!

Flávia Seligman

Cineasta, Professora de Cinema e TV da PUCRS e da UFRGS

Mestre em Artes com Opção em Cinema e Doutoranda em Artes com Opção em Cinema, concluindo tese sobre o “O ciclo da Pornochanchada no País dos Governos Militares”